

ANEXO 07 – ESCRITOS E RECOLHAS DE JOÃO FARINHA

Nota bibliográfica de João Farinha. «Um homem recordado, num povo esquecido»

[com base em informação fornecida pelo próprio, sua mulher e filho]

O pai de João Farinha, que tinha origens em famílias remediadas de Alagoa, foi guarda de uma grande propriedade, a Crucieira, posto que tinha alguma importância para a época, com direito a casa, cedida pela herdade. Foi aqui que constitui família (cinco filhos— observáveis **na fig. 1, anexo IV**). Mais tarde, já nos anos 1940 funda a padaria do Pisão, juntamente com uma taberna, onde funciona hoje o Café Central.

Em termos práticos, logo do início João Farinha e sua mulher assegurou o fabrico diário do pão que chegou a ser para cerca de 500 pessoas, número aproximado da população no início dos anos 1960. E fazer o pão nestes tempos era duro. Tudo, mas rigorosamente tudo era feito por força braçal, com muito trabalho noturno.

Mesmo neste contexto, sempre foi uma pessoa interessado em aprender. Tirou a 4ª classe na escola do Monte da Velha, nesta data o Pisão não tinha escola, e foi o melhor aluno da classe. Fazia diariamente a pé, tal como os irmãos, cerca de 8 km para chegar à escola. Quando foi para a tropa, aproveitou a oportunidade e complementou a sua escolaridade, fazendo o equivalente ao 2º ano do liceu, e obteve a graduação de «cabo». Em 1957 frequenta um curso de formação profissional sobre panificação. Era coisa pouco comum para estes tempos. Mas ele frequentou e conseguiu nota mais elevada a nível nacional. Na década de 1950, já era assinante de um jornal nacional «O Século», que recebia três vezes por semana, as vezes que que era possível, os dias que havia correio. Mesmo num meio fechado e isolado, não deixava de querer estar informado, saber o que se passava no País e no mundo.

A partir dos anos de 1960, com o envelhecimento do pai, que geria a taberna mesmo ao lado da padaria, com sua mulher toma também conta deste negócio, assegurando os dois, todos os trabalhos da padaria e da taberna. Durante muitos anos, trabalharam diariamente, por muitas horas, desde cedo, no fabrico do pão e na taberna que fechava às 22h30. Além do fabrico e venda local do pão, na sua padaria, João Farinha fazia distribuição pelos montes agrícolas mais próximos, de carroça, depois bicicleta, motorizada e só nos anos 1960 de carrinha, uma Ford Escort.

Mesmo com muito trabalho, João Farinha não recusava ajudar quem precisasse dele e do saber dele. Quem não sabia ler e recebia correio, era ali que ia para saber o conteúdo das cartas que recebia, nomeadamente, aqueles que tinham filhos na guerra do ultramar e recebiam os bem conhecidos aerogramas. Qualquer dificuldade burocrática relacionada com serviços públicos, era junto do João Farinha que iam. Ajudava também quem precisava de melhorar os conhecimentos obtidos na escola primária, para se candidatar a outras profissões. O seu filho recorda «casos de pessoas que concorreram para as forças militarizadas ou para aferidores (quem garantiam o correto funcionamento dos pesos e balanças- relevante para a época, em que tudo era pesado no local de venda)». Era também ali, na padaria, que os piquetes de ronda da GNR passavam para assinalar (carimbo e assinatura) a sua passagem pelo Pisão, obtendo, deste modo, a prova.

À padaria aplicava-se aquela máxima, muito característica de alguns locais da aldeia, onde as pessoas mais se concentravam, de que «tudo se fazia, até se vendia pão». Nos anos 1960, quando começaram os levantamentos topográficos para a barragem, a padaria foi inclusive local de encontro para engenheiros e técnicos, aproveitando para aí petiscar.

O relacionamento com as autoridades locais municipais, praticamente inexistentes, era conhecido por todos, mas evitava a politiquice e por outro lado as autoridades do Crato sempre ignoraram estas terras do Pisão e Monte da Velha. Foram ao longo de décadas deixadas ao abandono.

Era trabalhador. Ambicioso, com o fito de querer melhorar as condições de vida dos que estavam mais próximos. Atento e interessado em saber o que se passava no País e no Mundo. Conciliador, numa forma de olhar para a vida e avaliar os outros com base em princípios bem estabelecidos.

Numa terra em que os pais incitavam os filhos a ir trabalhar, logo que fizessem o ensino escolar obrigatório, e que durante muito tempo era a 4ª classe, João Farinha e sua mulher, Mariana Capote, tinham claro que o melhor que podiam dar ao filho era a oportunidade de estudar. Mas João Farinha não se limitou a querer que o filho estudasse, foi mais longe. Num ambiente de pouca informação, nunca abdicou que fazer um acompanhamento efectivo. Monitorando de muito perto os resultados académicos de seu filho, desde a entrada na escola primária até conclusão da licenciatura.

Ele próprio, neste ambiente e com uma vida muito ocupada, gostava de ler um bom livro, dentro do estilo que privilegiava, conteúdos históricos. Tinha o hábito da leitura, era utilizador habitual da biblioteca itinerante da Gulbenkian, que mensalmente vinha ao Pisão. Nesse sentido, depois de deixar de trabalhar, a leitura sempre fez parte do seu dia-a-dia. Há cerca de 20 anos, incentivado pelo filho, começa a utilizar computador, nomeadamente para ir escrevendo os seus textos e ainda hoje lê diariamente no jornal on-line, uma vez que conseguir o jornal em papel, no Pisão, para uma pessoa de 91 anos é uma grande dificuldade.

Tem escrito algumas memórias que foi guardando ao longo dos anos, muito relacionadas com a história do Pisão e Monte da Velha, que aqui se reproduzem. Tudo isto resultado da sua vontade em estar informado e se interessar pelo que se passava no seu tempo e em épocas passadas.

É um bom homem, respeitador e respeitado, que pela sua maneira de ser sempre fez amizades com facilidade, visto com simpatia por todos com quem ele se foi relacionando ao longo destes muitos anos. O filho, quando estava em férias escolares, acompanhava-o na volta de distribuição do pão. Nesses momentos foi testemunha da maneira amistosa com que era recebido por todos. Adorava uma boa conversa e cultivava isso sempre que podia. Como recorda António Farinha: «Na volta do pão, houve uma época, em que o último lugar da distribuição era o Monte da Zambujeira, porquê? Porque o proprietário, o Sr. Leandro, tinha sempre algum petisco pronto, para que ambos se sentassem junto do tanque, conversando e petiscando, acompanhado de uns copos de vinho».

Também nos outros lugares, ele era mais que o padeiro que levava o pão, gostavam de partilhar com ele, ofereciam produtos locais e gostavam de ouvir o que ele falava. António Farinha conta mesmo uma história, de quando começou a gostar de vinho: «um dos locais de entrega de pão, a Tapada do Chaves, já bem próximo de Portalegre, hoje uma marca de vinho conhecida, nesta época não, mas já se fazia bom vinho. O responsável da Adega, sempre convidava o meu pai a provar o vinho. E eu pensava, mas tem sempre vinho novo para provar? Claro que não! Era a maneira de convidar para beber um copo de vinho. Nesta data raramente bebia e normalmente quando o senhor me oferecia para provar, eu recusava. Até um dia que resolvi aceitar e desde esse dia, fiquei a saber que afinal o vinho quando é bom, é uma excelente bebida».

1 MEMÓRIA 1

1.1 [O CRIME DA MORTE DO FADAGOZA]

O Crime: Da Morte do Fadagoza

Monte da Velha 1915? : (todos os dados apontam que foi esta a data concreta)

Ano 1915 dia de semana Domingo

Pisão: Tio e Sobrinho juntam-se pela manhã, alguém lhes diz que o Fadagosa está bêbado na taberna do Monte da Velha.

Aideia é comum, vingança, e para tal preparam-se planos pois a tarefa não é fácil.

O Tio cerca de 40 anos e fisicamente fraco, Sobrinho mais forte , mas tinha na altura apenas 16 anos.

Enquanto o adversário era homem de meia idade, forte , robusto e ágil, e eles sabiam-no bem. No entanto embriagado tudo era mais fácil.

Chegados a dita taberna tudo mudou para melhor, o Fadagosa além de bêbado estava deitado no (altibanco). Meio caminho andado para a prática do crime.

Avança o Tio dá-lhe a primeira paulada na cabeça e prepara-se para saltar por uma janela e fugir.

O Fadagosa consegue levantar-se e prepara-se para agir, mas é surpreendido pelo Sobrinho que estava já prepara do entre-portas e lhe dá até o matar.

A dona da taberna barafusta e entre os dois arrastam o corpo para fora de casa mas já cadáver.

Só que a vingança e o ódio não termina aqui e continuaram a dar-lhe pancada, chegado ao ponto de lhe partirem os dentes com o auxílio de uma pedra. É dado o alarme as autoridades chegam , mas por ser Domingo o corpo fica imobilizado até ao próximo dia , vigiado por uma patrulha da G.N.R. . Passou-se a noite de vigília mas um pouco contraditória, a população da Aldeia reunidos em volta do cadáver toda a noite dançaram,e há até afirmações que a própria Guarda também meteu o pé em dança.

Funeral e julgamentos não há nada de significativo: O Tio condenado em 15 anos de África e o Sobrinho 10.

Quanto ao Tio e Sobrinho já se disse tudo, idades , físicos eram ambos daqui naturais. o Sobrinho era filho de uma Irmã do Tio , solteiros e após as penas cumpridas ambos aqui refizeram a vida. O Tio já não casou mas o sobrinho ainda foi casado e pai de um Filho. Ambos morreram já idosos

Do Fadagosa pouco de concreto se conhece : Filho de Pais que viveram na herdade da Fadagosa (Urta –Portalegre) daí o alcunha de Fadagosa da família conheceu-se 1 Irmão e três Sobrinhos que se assinavam por Miranda. Na altura era guarda rural da herdade da Crucieira e ousoava a pequena propriedade do Monte da Velha.

Móbil do Crime 1915: em 1910 o povo tinha saído de uma Monarquia adormecida e por vezes mal conduzida.

No entanto a República ao contrário do que as pessoas julgavam ,só por si também lhe não resolvia os problemas da época , e daí que entramos num período de indisciplina onde o Povos se tornaram rebeldos e aventureiros ao ponto de não respeitarem as propriedades alheias.

Para isso os proprietários dessa época tentavam arranjar guardas rurais fisicamente fortes para manterem algum respeito , afim de travar a onda de abusos com que se debatiam com as populações.

Mas segundo o ditado:

Os Fortes também morrem

Nas mãos dos Fracos

E foi este o Móbil do Crime da Morte do (Guarda) Fadagoza

2 MEMÓRIA 2

2.1 [O CRIME QUE LEVOU À MORTE NUNO MARQUES]

O Crime que Levou à Morte: Nuno Marques

A data exacta é desconhecida.

Mas dados concretos leva-nos a Considerar a data de Junho de 1920

Nuno Marques, cerca de 20 anos, filho de Rita Marques e Irmão de mais quatro Irmãs que

na altura eram residentes na aldeia do Monte da Velha.

Na Aldeia residia também Florinda Augusto, moça das mesmas idades e com quem o Nuno tentava namoriscar.

Só que a Florinda tinha outro apaixonado que era António Sebastião Capote Corta-Largo, filho de Pais desta Zona e residentes na Aldeia do Pisão.

Entre os dois Rivais o Nuno fisicamente bem constituído, estava em vantagem e daí que por vezes fosse pouco correcto para com o António tentando humildá-lo.

Não se apercebendo que o “ciúme”era e é uma arma muito perigosa , e para a evitar tinha que ser mais prudente.

O tempo foi se passando, a vantagem do Nuno ia-se conservando e os ciúmes do António foram aumentando.

No Pisão existia no largo do Forno uma taberna, onde em maré de S.João ambos se juntaram.

O Nuno muito descontraído cantava o fado, sem se preocupar se os dizeres das canções preocupavam o seu Rival.

O António que era fisicamente mais fraco, ouvia e sofria, até que o ciúme levou o seu instinto a dominar a cena.

Refugiou-se cautelosamente, e reapareceu de machada em punho, sem que alguém conseguisse evitar o golpe certeiro na cabeça do Nuno.

Provocando-lhe morte Fatal.

O António após o incidente foi deportado para Africa afim de cumprir a pena média a que foi condenado. 4 anos

Ao regressar teve algumas dificuldades em se reentegrar na sociedade, mas ao sopra-las ,ainda constituiu familia e viveu na aldeia o resto da sua vida: que também não foi longa.

3 MEMÓRIA 2

3.1 [O CRIME DE MANUEL «DOS CAVALOS»]

O crime do Manuel dos Cavalos: Nome que ficou conhecido

O crime do século vinte nesta região foi cometido em 1929 nesta freguesia de C.º e Mártires por Manuel Espírito Santo que era na altura câmbista em Badajoz.

Era conhecido por Manuel do Cavalo, cuja alcunha lhe ficou pela vida ambulante que teve em que o transporte era um cavalo.

Foi no regresso de uma viagem de comboio a Lisboa (viagem já programada para o efeito) que Manuel do Cavalo entre as casetas das guardas (Mesquita—Casas Novas) matou e atirou for da carruagem de onde ambos seguiam a sua vítima.

Senhor de nacionalidade Espanhola também câmbista em Badajoz e para êle considerado como seu grande traidor.

Julgado e condenado a pena máxima numa das mais agitadas audiências desta comarca, foi deportado para a penitenciária de Lisboa onde morreu no cumprimento da pena aplicada.

Quem era Manuel do Cavalo?

Homem alto e robusto um queixo de barbas espalhadas pelo peito com um bigode de longas e fartas guias que o tornava de tipo Característico.

Oriundo de uma família de Alpalhão, que consta terem ainda vivido no S.º dos Aflitos (Fortios Portalegre) nasceu em Elvas no ano de 1864. Foi trabalhador rural, contrabandista de grande fama da qual se contam várias proezas, passou pela vida de ambulante, domador de cavalos e aos vinte e quatro anos era um prestigioso comerciante por conta própria em Elvas.

Na vida teve altos e baixos e em 1898 vê-se numa crise de miséria da qual por falta de meios a tuberculose mata-lhe o seu maior elêve duas filhas de 14 e 16 anos.

Desesperado na vida estabelece-se em Badajoz com a casa de cambios na qual se via diariamente atraído por aquele que seria a sua vítima.

Estes e outros factos foram os temas que durante dois dias os advogados debateram: mas não havia muito a fazer a vítima era Estrangeira.

Na nossa região ficou considerado: O CRIME E AUDIÊNCIA DO SÉCULO

4 MEMÓRIA 4

4.1 [O CRIME NA HERDADE DA CRUCIEIRA]

Crime na Herdade da Crucieira

Ano de 1936 era feitor na Herdade, Manuel Gueifão Natural de Mação e guarda da Propriedade Joaquim Farinha, Natural de Alagoa. Entre os vários rebanhos de gado existia uma cabrada cujo maioral era um senhor chamado Pedro Lavado que tinha por ajuda um rapazito na área dos 13 anos chamado João Domingos Barbacena também natural dos Fortios --Portalegre -. Determinado dia o cabreiro sai com o gado dos malhados para a pastagem, deichando na malhada o ajuda acompanhado por um amigo seu conhecido, chamado José dos Nabos, com residêcia incerta. Como habitual o cabreiro deixou serviço destinado ao seu ajuda, que era arranjar pasto para a cama dos animais mais frágeis, o que tudo indica que essa tarefa teria sido feita por ambos, (ajuda e amigo) e daí o possível desentendimento que originou crime. O cabreiro ao regressar ao dito malhadio, apenas se encontrou com o amigo (José dos Nabos), que lhe disse que o ajuda tinha ido a casa e que lhe tinha pedido para o substituir até ele voltar. Passam-se 2, 3 dias e o referido ajuda, nem só não aparece como nem em casa tinha estado. José dos Nabos ausenta-se para parte incerta, embora fosse procurado, nunca na altura foi encontrado. Pedro Lavado é preso, torturado e humilhado na cadeia. Cá fora a família não passa por dias melhores, são criticados e desprezados por muita gente inclusive pessoas antes amigas. Em geral na opinião pública a investigação que levava ao sofrimento e dor do cabreiro estava certa e justa.

Cerca de 3 meses após o desaparecimento do ajuda (Barbacena) o feitor da herdade pessoa experiente previne o vqueiro (que na altura era José Carita Barrozinho residente em Pisão) para que em conjunto com o guarda da propriedade e ele próprio, condusiram a vacada a percorrer toda a área suspeita do crime, em busca do corpo. Não tardou o sinal dado pelos animais a indicar o sítio de uma sepultura bem improvisada onde se encontrava o corpo já em estado de descomposição. As Autoridades locais compareceram ao local do crime, acompanhados por Pedro Lavado que continuava suspeito, mas nada adiantou nem mudou para o suspeito que continuou preso e torturado na cadeia, e criticado cá fora.

Pedro Lavado era uma pessoa embora activa mas com a cultura da época insuficiente para se defender, o que o levou a sofrer todas as injúrias em silêncio.

Passa 5 anos, Pedro Lavado continua na cadeia já como criminoso, quando na antiga tasca do Azeitona aparece o antigamento procurado mas não encontrado José dos Nabos. Pelas pessoas presentes e conhecedoras do crime tudo prevedenciaram para dar conhecimento as Autoridades o seu aparecimento.

Não tardou a sua prisão assim como convencer as autoridades que era ele e não o Pedro Lavado o autor do crime.

Feito o interrogatório Confessou ser ele o autor do crime descriminando todos os detalhes passados.

Após ser tudo confirmado, Pedro Lavado é solto, regressando a sua casa onde viveu o resto da sua vida, sem nunca perdoar as autoridades do processo que o condenou injustamente, tendo passado por todas as torturas, além dos cinco anos de prisão já cumpridos na altura.

(Detalhes do crime confessados pelo autor do mesmo .)

(Dei-lhe uma pasada na cabeça, vi que ele ficou a bater as asas, levei-o para junto de umas pedras e lá o deixei todo coberto com as ditas pedras, para acabar de morrer. O pau com que lhe bati ficou enterrado junto do corpo.) E já estava

5 MEMÓRIA 5

5.1 [O CRIME DA CASA DE CANTONEIROS]

O Crime da Casa de Cantoneiros (Crucieira)

Foi num sábado de Julho de 1942 que quando os carroceiros se dirigiam para a praça de Portalegre, ao passarem pela casa de cantoneiros (crucieira) deram com o cadáver de Vitória Moura Roque dependurada de uma árvore. Dado o alarme apareceu o marido do interior da casa H. Roque, cantoneiro na zona que confirma ser o cadáver da Esposa, mas diz tudo desconhecer. Passado isto o Hilário desloca-se pessoalmente ao Crato e trata do funeral. Feito isto tudo parecia estar tudo arrunado, só que a família da falecida não se conformou, e desconfiando de crime alertou as autoridades. Desloca-se ao local o Delegado de Saúde (D.º Homem da Cruz) que manda adiar o funeral e convoca para o local as Autoridades Judiciais. No mesmo dia e no próprio local é feita autópsa á Vítima que além de mais acusa morte por asfixia.

Levantam-se mais suspeitas: o cadáver foi encontrado com a indumentária como não se tivesse deitado durante a noite e as mãos não apresentavam vestígios de ter mexido no arame com o qual estava enforcada etc.

O Hilário nega tudo a todos e é deslocado de Lisboa um agente da P.I.C. que começou por ouvir o pessoal da vizinha povoação de M. da Velha onde o casal também tinha vivenda passando ali parte do seu tempo.

Nos interrogatórios deu-se grande atenção a M. Eugénia Carita, suposta amante do Hilário, que tinha na altura taberna lugar onde ele passava grande parte do seu tempo livre, fingindo grande simpatia pelo marido dela.

A M. Eugénia confessa ao agente que o Hilário lhe dizia que não podia viver com a Esposa pois a (aborrecera).

Os mistérios começam a desvendar-se e o Hilário já detido na prisão vai mesmo responder no Tribunal da Comarca de Portalegre.

AUDIÊNCIA: as salas do tribunal foram insuficientes para acolher a enorme multidão que queria assistir ao julgamento estando mais gente fora do que dentro. SENTENÇA: o tribunal não reunia todas as provas exigidas por lei:

O réu negou sempre o seu envolvimento no crime, mas a medicina provava que a Vítima não se tinha suicidado e na morte estava envolvido um crime.

? Quem o tinha praticado: todas as suspeitas recaíam sobre o marido.

Mas a prova tinha que ser feita por alguém: Ficou a dúvida?

O réu não confessou o crime, e o tribunal reunido até altas horas da noite deliberou condenar o réu Hilário Roque de 34 anos de idade e pai de dois filhos menores a 16 anos de Prisão Maior.

Dos quais cumpriu 13 na Penitenciária de Alcoentre

Safu como um dos reclusos de melhor comportamento (Exemplar)

6 MEMÓRIA 6

6.1 [O CRIME DE JOSÉ POLACO]

Crime: de José Polaco Julho de 1949

Foi num domingo já altas horas da noite que José Elias, entre o Pisão e Horta das Negras matou José Polaco com tiro de arma caçadeira disparado a queima roupa.

Quem era José Polaco:

Nascido em crato, cerca de 60 anos de idade era um homem alto e robusto, casado pai de uma filha e avô de uma neta.

Resedia no monte da herdade do Azinhal da qual era guarda rural da propriedade.

Era muito estimado pelos outros criados, vizinhos e Patrões.

Quanto ao José Elias, natural da Urra era filho de Elias Baptista, casado pai de dois filhos ainda menores.

Tinha cerca de 40 anos de idade e na altura era moral de porcas na herdade do Aguilhão.

Móbil do crime:

O José Elias tempos antes tinha sido moral de gado na herdade do Azinhal onde o Polaco já era guarda, foram bastante amigos, mas a certa altura o Elias começa a desconfiar que a mulher era amante do Polaco, o que nunca foi confirmado.

Os ciúmes foram-se alargando e o Elias separa-se da Mulher, o tempo passa mas o ódio pelo Polaco de dia a dia aumenta, e para o Elias já só o crime sarava esta ferida.

Determinado dia vem ao Pisão e vê casualmente a mulher a falar com o Polaco, juntam-se em tabernas e discutem ,talvez por se sentir fisicamente mais fraco, vai a herdade Buscar a arma caçadeira e espera-o no sítio onde sabia que êle teria que passar.

A certa altura o Polaco de regresso a herdade chega ao sítio onde estava a ser esperado, há pequena troca de palavras e o Elias dispara o tiro quási a queima roupa, o Polaco cai mas não fica mortal e só passado algum tempo é que é encontrado por pessoas que casualmente ali passaram ,a quem êle ainda contou o sucedido.

Feitas por essas pessoas todas as deligências de socorro não foi possível salvar-se morreu a caminho do hospital.

O Elias escondido, observa tudo isto e pela manhã entrega-se no Crato as autoridades

Segue-se o julgamento no tribunal de Portalegre , audiência bastante concorrida em que a família da vítima não contesta suficientemente, e deixa mover influências burocráticas muito fáceis nos anos 50, que levou ao réu ser condenado a uma pena simbólica de 3 anos de prisão.

7 MEMÓRIA 7

7.1 [SUICÍDIOS]

Suicídios em Pisão e Monte da Velha

Cerca de 1925:

Joana Barrosa:

Deitou-se a ribeira onde é dominado o campo da bola.

E foi tirada já dentro do Andinho.

Motivo: mal entendido entre ela e o futuro genro (João Bicho)

Cerca de 1936:

João Carita (Irmão de Manuel Carita, casado com Rosa Carita)

Enforcou-se , em casa com a corda da arreata do cabresto do burro.

Motivo: Desgosto pela perda de um burro que lhe roubaram o que além da pena sentiu a falta monetária.

1941:

José Pedro (Pai de Luzia Antão)

Atirou-se a ribeira em frente do curral do Domingos Pinheiro, e foi tirado já sem vida

Motivo foi o de muitos outros : falta de apoio.

1957:

Rosa Maria (Galocha)

Atirou-se para o poço do Filipe Meira, tirada já sem vida

Motivo: problemas de uma filha em que ela se entremeteu.

1970:

Um senhor de S:Julião chamado Pires

Enforcou-se numa oliveira do curral do Filipe Meira

Motivo : desconhecido

8 MEMÓRIA 8

8.1 [ACIDENTES TRÁGICOS]

22 de Março de 1916:

Maria Genebra (Irmã de Leonor casada com José Narciso)

Ao regressar com as companheiras de mais um dia de trabalho e procurando passar a ribeira no sítio conhecido (passadeiras grandes), por usar a saia um pouco com menos roda não conseguiu alcançar a passadeira, caiu a água e foi engolida pela cheia. De onde foi tirada já sem vida.

(Aproveito para esclarecer que as ditas passadeiras ficavam situadas por cima de um antigo engenho artesanal movido a água destinado ao acabamento de tecidos caseiros feitos com fio fiado na roca e tecido em teares manuais) ---(Enciclopédica Universal, volume 15, página 43)

Os vestígios existentes dão prova disso. *Origem do Pisco*

1936:

Joaquim Calha (Imão de António Calha e Delfina Calha)

Ao tirar água à picota do poço do Esparragal (Crucieira), partiu-se a picota e foi embater numa pedra que existia dentro do poço.

Foi retirado já sem vida.

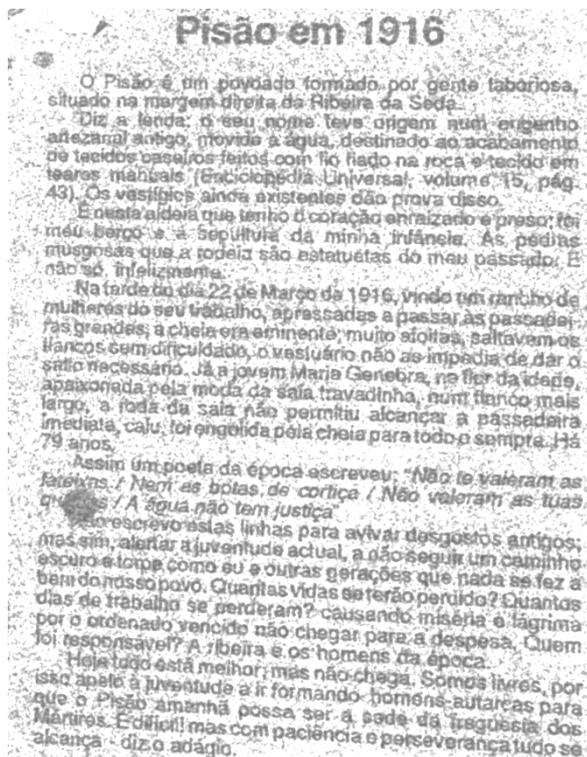
2001:

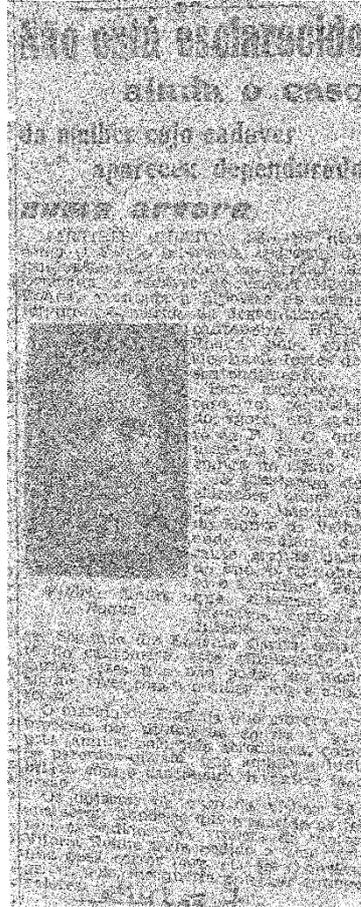
Nuno Mourato (Preto)

Ao regressar de uma viagem de motorizada vindo do Crato, caiu no sítio do Matinho. Sendo encontrado já sem vida.

9 MEMÓRIA 9

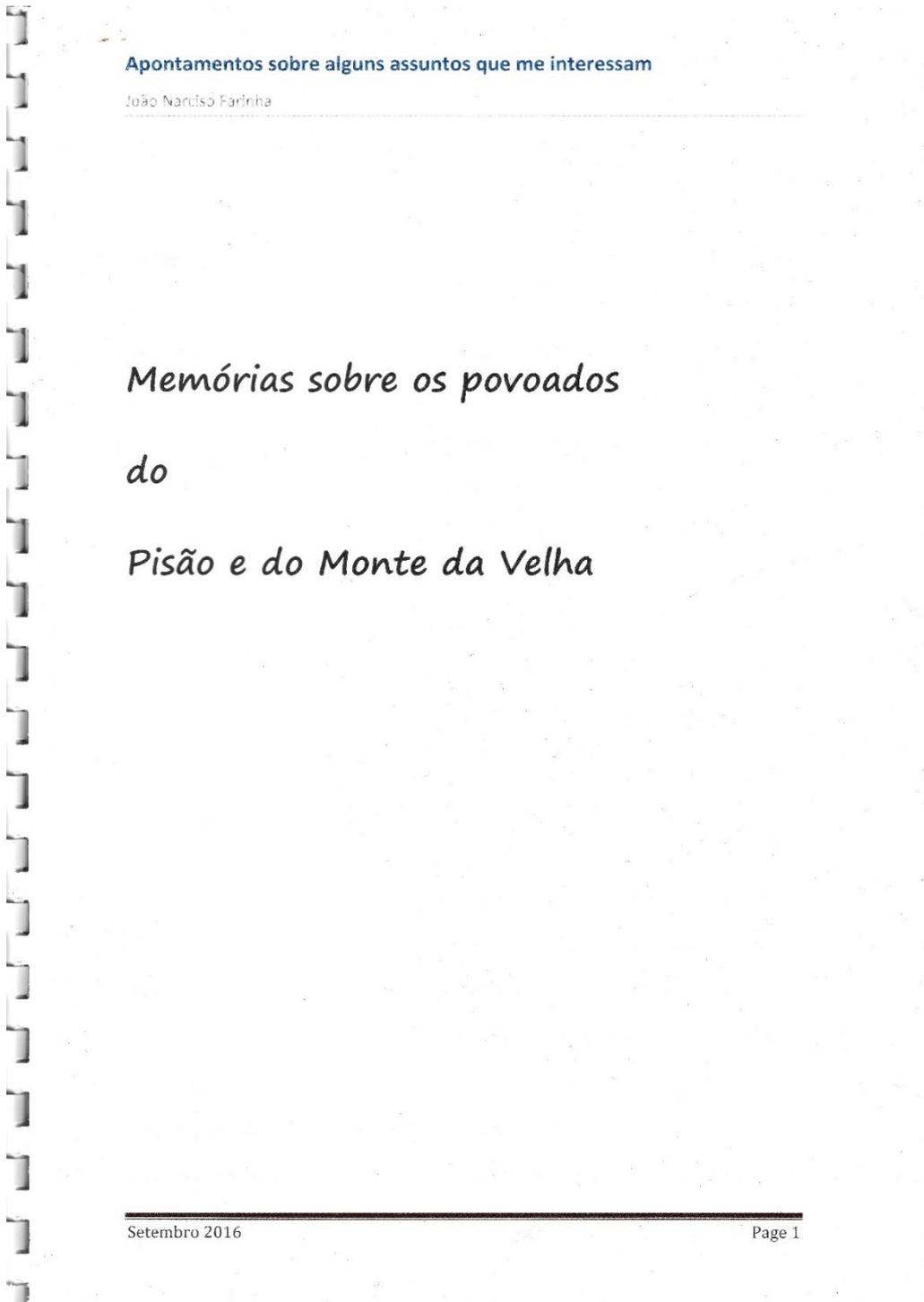
9.1 [RECORTES DE JORNAL]





10 MEMÓRIA 10

10.1 [«MEMÓRIAS SOBRE OS POVOADOS DO PISÃO E DO MONTE DA VELHA, TEXTO POLICOPIADO, SETEMBRO DE 2016]



Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

Notas sobre o Pisão

Princípios do século XVIII na ex-freguesia de Mártires-Crato, alguém localizou baldio de terrenos incultos, situado entre a herdade da Crucieira e a Ribeira de Seda, lugar que era separado por uma faixa de terreno quase desligado do dito baldio e foi nesse local que foi construída a Aldeia do Pisão, cuja origem do nome da povoação vem de um piso de lavagem de lãs, situado rente à ribeira, que além de mover o engenho alimentava a atividade.

A construção do povo, que é ligeiramente mais moderna que o Monte da Velha, foi lenta, com distúrbios e pouca assistência do Poder Local. Viveu sempre num nível de inferioridade em relação à Aldeia vizinha, o Monte da Velha, e só depois de ter mais população é que conseguiu atingir e ultrapassar o nível de vida que estes vizinhos já há anos possuíam.

Ainda nos princípios da sua construção, a Aldeia aqui situada apanhou o primeiro susto. O vizinho agricultor, que possuía pequenas parcelas de terreno, junto do referido Baldio, anunciou ir anexar a elas, todo o terreno no Baldio que estava reservado para futuras construções.

O Povo viu o perigo e queixou-se à Autarquia, assim como às Autoridades, mas ninguém quis aplicar o poder contra o vizinho agricultor. Pensaram em

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Fainha

se humilhar para conseguirem de boa vontade anular esta ideia, mas foram repelidos e ameaçados com a Guarda, e que se alguém impedisse os trabalhos de anexação, já começados, seria preso.

Tudo isto os levou à última solução, que era unirem-se e castigar o tal Senhor, até que ele cedesse, ou se dar coisa pior, o que não chegou a acontecer. O Senhor depois de ter havido confronto físico com os populares, mudou de ideias e tudo acabou no possível. O nome do Senhor era F. Mendes, mais tarde sogro de António Saramago, nascido e vivido no Crato enquanto solteiro.

Mas os sustos não ficaram por aqui, cerca de 1930, as pessoas da Aldeia, são avisadas pelo Delegado de Saúde, na altura o Dr. Homem da Cruz, que o Povo ia ser transferido e anexado à Aldeia do Monte da Velha. Todas as providências estavam asseguradas. O lugar estava indigitado, era o ângulo de terreno situado entre as estradas via Crato e a que ia para o Monte da Velha.

A razão desta mudança dada ao povo pelo Delegado de Saúde foi a seguinte: no local do Pisão os bebés que escapam à nascença tornavam-se muito frágeis, ficando muito barrigudos e alguns até o umbigo lhe saía fora. O motivo é o ambiente do local que derivado à grande proximidade da ribeira, com águas impróprias, recebidas de lagares e outros detritos

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

provenientes da ribeira lixosa de Portalegre e de outros lados, facilitava o desenvolvimento do vírus que provocava a doença.

Um facto também relevante na história desta Aldeia, foi a construção de um pontão em 1934, pelo presidente da época Botto Aleixo, que permitiu aproximar os dois conjuntos habitacionais que tinham a separá-los um ribeiro.

A Aldeia do Pisão com cerca de 150 fogos, são apenas utilizados cerca de um terço, os outros estão fechados ou em ruínas e alguns nunca tiveram condições de habitabilidade. Este local, como todas as aldeias principalmente na zona rural, está em crise desde a transformação do trabalho agrícola conjuntamente com outras crises, não tem dado, desde há muito tempo, emprego suficiente à população rural.

Quase toda a população trabalhava no campo, havendo necessidade de passar regularmente a ribeira de seda para aceder ao trabalho. Em tempos mais chuvosos, era frequente não ser possível atravessar a ribeira em virtude das cheias, e muitas pessoas ficavam sem poder trabalhar e assim ganhar para o seu sustento. Daí nasceu a construção em 1950 da ponte, ainda distante do centro da povoação, mas o local de construção mais barato, única que ainda hoje existe e que na época foi muito importante ao permitir a passagem de pessoas e transportes de tração animal e viaturas

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Fariaha

mecânicas. Já nesta data as ajudas autárquicas eram quase inexistentes. Para a construção, os dinheiros resultaram de peditório entre o próprio Povo. Não tiveram ajudas nem da Camara, nem dos proprietários que também era beneficiados, pela maior assiduidade dos trabalhadores. O Pisão teve que resolver pelos seus próprios meios fazendo um peditório e arranjando os fundos para esta obra. Não foi gasto todo o dinheiro e o restante foi entregue à Camara, para ajuda na construção de acessos que até hoje nunca foram feitos.

O Pisão foi sempre pobre de águas, em maiores secas era o Poço do Monte da Velha que valia a quem tinha para tal transporte. Em 1957 o Presidente da Camara Sá Nogueira, fez uma das maiores explorações de águas na herdade da De-Costa mas de acesso difícil, derivado à necessidade da travessia da ribeira.

Mais tarde a água foi canalizada para um marco fontenário colocado no largo do povo. Houve festa, com a presença do Governador Civil, o Presidente da Camara e outras Entidades Locais. No povo não havia uma pessoa preparada para poder agradecer aos visitantes, foi convidado o Sr. Cardigos, que com muito gosto aceitou o pedido. Dados os discursos chegou a vez do Sr. Cardigos falar, o qual muito aplaudido começou por agradecer aos ilustres visitantes, mas concentrou-se na obra do Sr. Presidente Sá Nogueira a qual elogiou, pela qualidade que apresentava, era uma

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

benfeitoria muito desejada pela população. Terminou fazendo referência às pessoas da terra, dizendo “por quem tão pouco se faz e tanto merecem”.

O discurso foi muito aplaudido, e o povo ficou muito agradecido ao orador. Quem diria ao Sr. Cardigos que 50 anos antes fora a sua própria família a não se preocupar muito com as necessidades que o povo do Monte da velha tinha.

Ainda a respeito de águas, este povo não tem sido muito afortunado. Recentemente foi construída uma barragem, para abastecimento público, obra de algum investimento, que atualmente não funciona, tem que haver abastecimento regular através de transporte rodoviário. Investimentos públicos destes, que tudo levar a crer não foram bem avaliados, é dinheiro do erário público de gasto fácil e que depois não se tiram as respetivas responsabilidades e consequências. Presentemente há quatro explorações de águas, duas provenientes de terreno privado e duas em via Pública, sendo a mais útil a que foi inaugurada em 1957 pelo Presidente Sá Nogueira, que no presente ainda abastece 3 marcos fontenários divididos entre o abastecimento da Aldeia, rega do jardim, abastece as casas de banho e ainda os tanques dos lavadouros. A água é considerada de boa qualidade e ainda dá jeito àqueles que não preferem beber águas tratadas.

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Forinha

O caminho de acesso à estrada nacional foi construído em 1954 pelo presidente Sá Nogueira e só em 1979, no tempo do presidente Padre Belo, é que foi alcatroado.

Devemos ainda fazer referência às benfeitorias efetuadas no tempo do presidente António José Leitão, que em 1978 foram feitas obras de saneamento básico. Em 1984 chegou a esta aldeia a desejada luz eléctrica.

Pode-se dizer que o Pisão tem sido uma terra largada ao esquecimento. Além da obra da distribuição da água, muito pouco temos para lembrar. Há um edifício (igreja), inaugurado em 2003 pelo Presidente Correia da Luz que também serve de Morgue e Capela. A maioria da população é idosa e aqui é de relevar o papel da Junta de Freguesia na prestação de auxílio diverso. A Aldeia tem comércio digno da população. Há um largo na parte mais central do povo que é muito útil, obra do já citado Presidente da Camara, Correia da Luz. E assim vai o povo do Pisão esperando por melhores tempos.

No Pisão, tal como em outras terras houve acontecimentos que foram motivo de maior alvoroço entre a população. De referir uma das maiores audiências em 1929, em que um contrabandista de nome, Manuel do Cavallo atirou, de um comboio em andamento, um cidadão espanhol, que tinha a mesma atividade e eram rivais.

Setembro 2016

Page 7

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

Em 1942, também o enforcamento de uma habitante do Pisão casada e a viver na casa de cantoneiros da Crucieira, em virtude do marido ter sido acusado e condenado de a ter asfixiado e posteriormente pendurar de uma azinheira em frente da casa.

De mencionar também as principais atividade de lazer e de festa deste povo, nomeadamente a Festa da Senhora dos Mártires, a feira das cebolas em Portalegre. Esta gente muito envolvida nos trabalhos agrícolas tinham igualmente muita alegria de viver e de se divertir através de atividades ligadas ao seu próprio trabalho. Em 1940 foi construído por um particular um salão para festas onde decorriam os bailaricos e outros eventos festivos.

Também a população se envolvia muitos nas festas de S. João com as fogueiras de rosmaninho.

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Fariña

O Monte da Velha

Voltamos ao já referido Baldio. Algum tempo após a descoberta chegou ao local uma Senhora vinda dos lados de Portalegre de nome Maria Antónia que construiu um montareco dentro da herdade da Crucieira rente ao Baldio da estrada via Crucieira. Desbravou, cultivou tanto no Baldio como em terras da Crucieira, que ao tempo estava semi-abandonada, e chegou a idosa, passando a ser alcunhada por velha do monte, quem falava do montareco dizia o “monte da velha”.

E é deste montareco que as pessoas mais antigas diziam ter vindo a origem do nome do Baldio e da Aldeia, ambos Monte da Velha. Passado algum tempo da chegada da Dona Maria Antónia, começaram a chegar pessoas de outros lados, com a intenção de adquirir faixas de terreno para aforar e pôr em jeito de cultura. Na vivenda não se isolaram, como a senhora do “monte da velha”, e foi esta gente e mais tarde os seus descendentes, os pioneiros da Aldeia. Nas suas ruínas ainda se encontram referências datadas de 1750 e reconstruções de 1778.

Nunca foi uma Aldeia de grande dimensão ficou-se em cerca de 40 habitações, a sua continuação foi travada pela Casa Relvas ao adquirir o direito de exploração do Baldio. No entanto nos arredores moravam outras pessoas, que após existir a primeira casa comercial, (estilo de taberna)

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

tornou-se num ponto de concentração. Foi crescendo, para tal contribuíram algumas intervenções ao nível do Poder Local que na altura predominava.

O abastecimento de água potável era uma das maiores necessidades, o Povo abastecia-se numa fonte de mergulho actualmente absorvida pela barragem que foi mais recentemente construída. Estávamos no ano de 1808, a autarquia mandou fazer junto ao ribeiro uma exploração de águas, cumprindo os preceitos de higiene da época. O reservatório do lado do ribeiro tinha um isolamento para não deixar que as águas do ribeiro contaminassem as do consumo público. Nesta época o transporte de bens e pessoas era feito por carros de tracção animal. Animais esses que levavam horas seguidas nas estradas sem possibilidade de comer nem de beber. Esta era a principal razão porque nessa época as explorações de água, sempre que possível, tinham acesso com limites suficientes, para o abastecimento dos animais.

Chegamos entretanto a uma data, considerada a mais provável, mas não foi possível confirmar se era a concreta (1850). Sem que alguém conhecesse o teor do contrato, o Baldio do Monte da Velha, com cerca de 160 hectares, até à data propriedade de domínio Público, foi entregue à Casa Relvas. Quanto aos contratantes, da parte do Baldio tinha que ser alguém do Poder Local, da parte da Casa Relvas a questão pôs-se em duas pessoas:

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Ferreira

José Manuel Casqueiro nascido no concelho de Avis (1822) último gerente do património que a Casa Relvas mantinha no concelho do Crato e que foi também o fundador da Casa Belo Morais juntando as duas actividades, ou o seu sucessor o Sr.Carlos Relvas, primeira pessoa da família a gerir estes bens já como herdeiro. Não há certezas qual foi, mas as opiniões dividiam-se.

Em 1938 uma pessoa da região decidiu fazer uma padaria no Pisão mas foi-lhe logo dito que só podia construir no Monte da Velha, porque o Pisão ia ser transferido e anexado a esta Aldeia. E foi onde lhe foi medido o terreno para a construção, o local era a entrada da rua do lado do Pisão na faixa mais larga do Baldio.

O interessado aceitou e ao pagar o terreno, solicitou que lhe fosse transferido o mesmo número de metros para o tal local reservado. Foi-lhe dito que sim, mas tinha que esperar alguns dias, esperavam a chegada de um técnico para medir e alinhar o terreno e só depois se procedia à venda de lotes.

Chegamos a 1942, a padaria já laborava no Pisão e o técnico ainda não tinha chegado para alinhar o terreno que já se encontrava há cerca de 13 anos à espera, sem que alguém o cultivasse, mas para espanto da população, ficou a saber-se que o terreno, assim como todo o Baldio, tinham sido entregues à Casa Relvas, conforme me irei referir mais adiante.

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

A Aldeia estava bem situada do ponto de vista geográfico, com um ramo de estradas para todos os lados precisos, próximo da estrada nacional e um pouco mais afastado, estava o cemitério e a Igreja da Senhora dos Mártires, imagem que o povo muito adorava, situada entre dois ribeiros. Teve sempre a proteção do Poder Local.

DATA aproximada

Desde 1808 que tinha sido feita a exploração de águas para todas as eventualidades. Foram calcetados os locais que o permitiam, havia correio três vezes por semana, além da Aldeia já ter 3 fornos de cozedura de pão foi construído mais um comunitário para uso de toda a Aldeia. Teve escola primária, com um professor radicado de 1900 a 1920, mais tarde, em 1935 continuou a ter escola até os alunos o justificarem.

Também existia uma pessoa nomeada pela Camara Municipal, género de cabo de ordens, que além de outros assuntos, fazia chegar a todos os moradores da Aldeia avisos públicos e resolvia pequenas incidências ou comunicava-as à Camara. A Aldeia tinha tudo o que era indispensável.

Por volta de 1900, um senhor chamado "Carita" montou uma oficina de sapataria. Tinha além de 2 filhas, mais 4 filhos, que ao terminarem a escola, iam para a oficina aprender a arte, chegando a ser o pai e os 4 filhos a trabalhar em conjunto. Com o aperfeiçoamento que dedicavam ao

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

ofício, não tardou a surgir a boa fama por todos os arredores. Esta pequena oficina na área, que já tinha dimensão para a região, não foi só o reconhecimento que deu à Aldeia, mas também movimento que lhe trouxe com os clientes que de fora, aqui se deslocavam para encomendar os seu calçado feito à medida. Da família, o último a abandonar o ofício foi em 1996, neto do primitivo Carita.

Também de salientar a existência de uma vivenda “Casa de Joaquim Pinheiro”, conhecido por “Joaquim Pastor”. Em 1800 funcionava aqui um lagar de azeite. Não é conhecida a data do início nem do fim desta atividade. Mas é sabido que laborou cerca de 100 anos e pertencia a uma família de apelido Carvalho, que vivia ao lado do dito lagar. Foi nesse prédio que funcionou a primeira escola em 1900. Esta família Carvalho teve ligações familiares com outra família de nome Barradas, que ainda tem descendentes em Alter do Chão e alguns prédios em ruínas no Pisão.

Também nesta época, fixou-se nesta Aldeia um senhor que era proveniente do Assumar e se chamava Assomadas. Casou-se com uma viúva, mãe de 4 filhos e que explorava na aldeia uma vendarola. Após o casamento mandou construir um enorme casão onde montou uma albergaria. Durante vários anos e em conjunto com a esposa exploraram as duas atividades. A albergaria foi um sucesso, estava situada em meio rural e desviada de locais mais influentes. Dava jeito a muitos viajantes que deslocando-se nos

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

transportes da época, levavam dias seguidos foram da sua casa, e era onde encontravam alojamento tanto para eles como para os seus pertences, como fosse carroças e animais. Por discórdia com os enteados, o senhor abandonou estas atividades e a Casa Relvas, apoderou-se do Casão, proibindo a esposa de continuar a atividade da albergaria, dizendo que tinha comprado o casão ao marido. Em 1965 e por outros factos também aqui descritos, verificou-se que o dito casão, nunca foi legalizado em nome da Casa Relvas.

Estas três situações, a sapataria, o lagar, a albergaria, são exemplos da importância que esta aldeia já teve em outras épocas. Todos os espaços em que estes negócios existiram ainda existem no Monte da Velha.

A perda do Baldio empobreceu o erário Público nesta região e alterou a vida de algumas pessoas mas não piorou a vida na Aldeia. Houve o cuidado de não prejudicar as pessoas que já aqui possuíam prédios construídos. Para tal não acontecer, ao entregar o Baldio deixaram duas faixas de terreno para garantir o acesso às ditas propriedades e ao mesmo tempo o desafogo do povo, uma do lado do Pisão, as lindas eram todo o terreno não cultivado e a outra do lado da Crucieira, demarcada nas partes laterais por duas estradas. No limite havia um marco de pedra tosca colocado rente ao olival que tinha gravado duas letras um C e um R (o R estava dentro do C):

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

este marco manteve-se colocado até 1965, foi arrancado e aplicado numa eira ao pé da Escola.

As pessoas da Aldeia ficaram aborrecidas com a perda do Baldio mas tudo correu melhor que o esperado. É verdade que houve quem perdesse o seu ganha pão, mas tudo se resolveu por outros lados. A Lei dos Baldios nunca foi clara enquanto estes estavam incultos, toda a gente tinha a liberdade de os trabalhar. Depois de cultos eram entregues aos “Senhores” da terra. E foi o que aconteceu ao Baldio do Monte da Velha

Alguns perderam o posto de trabalho e abandonaram a Aldeia, outros continuaram a residir e a explorar terras noutra Baldio que se denominava (Vintém d, Ovos-Alter). Entretanto o povo passou a conformar-se e a conviver com o novo vizinho proprietário do Baldio. Tanto o pai como o filho Queatano da Casa Relvas, sempre souberam lidar e respeitar o povo dando-lhe a liberdade de puderem servir-se de tudo o que havia na propriedade que para a Casa fosse desnecessário.

Chegamos a 1942, o Sr. Queatano morre e os seus herdeiros legítimos estavam seguros que a herança não iria para as filhas ilegítimas do pai. Isto atendendo aos ditos que a filha mais nova, a Maria da Graça, não seria filha verdadeira do Sr. Queatano, mas sim de um professor (Pimentel) a quem a mãe por vezes ajeitava o vestuário. O professor tinha estado aqui

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

radicado de 1900 a 1920 e a Maria da Graça nasceu em 1917, casou em 1940, herdou em 1942 e morreu em meadas 1946. O nascimento dá com a data da estadia do professor, sendo, como se comentava, bastante parecida com ele.

Entretanto as filhas legítimas perdem a acção em tribunal contra as filhas “ilegítimas”, herança que somava a herdade do Monte da Velha, o admirado Baldio, duas vivendas e um casarão e ainda determinada importância em dinheiro, além do referido terreno que se tinha mantido 13 anos à espera da transferência do Pisão para se anexar ao Monte da Velha.

Terminado o caso judicial foi feita a divisão entre as duas irmãs e os respectivos maridos. O lado da Escola para a Maria da Graça, casada com o Sr. Cardigos, o lado oposto para a Ana Luiza casada com J. C. Vidinhas, na altura agente na policia, pessoa culta e que conhecia desde infância esta região assim como os “podres” da Casa Relvas.

O Povo estava revoltado com o acontecido, e o Sr. Vidinhas decide fazer uma reunião entre família, mas secreta. Na reunião pretende debater o mau estar do Povo e a ideia era, sem perderem o património dos Baldios, deixá-lo desfrutar pelo Povo. A cunhada, Maria da Graça, que era a pessoa mais válida no processo da herança concordou assim como a irmã, mas o

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

seu marido R. Cardigos, aceitou por obrigação e não por concordar. Esta reunião foi secreta, mas as paredes tiveram ouvidos.

O Sr. Cardigos mantinha dentro do Povo um certo apoio, mas metade vinha da popularidade da esposa e o Povo não era aquilo que ele julgava, e numa troca de palavras com um popular que reclamava o acesso às suas propriedades, não se acalma e responde incorretamente. O senhor volta-lhe as costas e apenas lhe diz que seja melhor educado. O caso passou, mas o pessoal que vivia magoado com o que se tinha passado na dita reunião, rodeou-o e já o não largou. Por uma questão de respeito que sempre tive pelo Sr. Cardigos não vou aqui relatar o que se passou, embora estivesse presente.

Algum tempo passado o Sr. Cardigos deixa o Monte da Velha e segue para Veiros, depois Seda, Galveias etc. A esposa retêm-se algum tempo acamada, não consegue encarar as pessoas amigas, sabia que tinha sido com a ajuda delas que tinha conseguido em tribunal rebater aquilo que os seus adversários atestavam com o auxílio de duas testemunhas. E ela, com todo o receio, tinha exposto as suas amigas a dizer tudo menos a verdade.

Com a abalada do marido, doente e desgostosa com tudo o que se passou, ver pessoas amigas de costas voltadas com o marido, pessoa que ela muito estimava, resolve ir viver para o Crato. Lá perde um filho que levava na

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

barriga, logo pede ao marido para se mudar para Portalegre, onde habita em dois lugares, mas em nenhum se sente bem. Um dia, doente, vai visitar o marido a Seda, à chegada piorou o médico local aplica-lhe uma injeção, e manda-a de urgência para Portalegre onde chegou já falecida.

Tragédia para toda a família, mas o mais atingido foi o Sr. Cardigos, pessoa culta para a região, com um passado recente de má memória. Muito atualizado com a situação da época, não teve dificuldades em se colocar profissionalmente, teve um segundo matrimónio com a Dona Ester, constituiu família, melhorou as suas propriedades e viveu até chegar o dia certo. Passado todo este tempo, pergunto-me se o Baldio valeu o sofrimento que lhe causou. Só Deus o sabe.

A anexação dos Baldios (depois de 92 anos em poder do povo) não foi culpa das herdeiras, não foram elas que os “usurparam” ao Povo, foi sim, e mais uma vez a “negociatas” em que o poder económico sabe aliciar o poder Político. Sempre são os mais desfavorecidos que saem a perder e uns quantos oportunistas com comportamentos menos transparentes ficam a ganhar. Talvez até fizesse sentido, do ponto de vista da economia do país o emparcelamento, isso não está em causa, mas sim a forma como é feito. As oportunidades ao aliciamento e corrupção de alguns, que deveriam estar mais empenhados em defender os interesses públicos. A história vai-se

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

repetindo, este povo quando não se defende a si próprio, raramente tem quem os defenda.

Em Novembro de 1942 o Povo de Monte da Velha fica a saber em definitivo que a pequena mas histórica Aldeia ia ficar isolada. Foi grande e doloroso o desespero das pessoas ao saber que os seus ascendentes tanto fizeram pela boa continuação da Aldeia e agora iam vê-la encurralada de todos os lados.

Desde o seu início até àquela data tinham vivido com muitas dificuldades mas felizes, vivendo com o seu desafogo desfrutando os metros de terra que lhes tinham sido atribuídos. O Baldio não era só desafogo era também o despejo que conseguiam dar as pequenas vivendas, muitas até insuficientes para o alojamento das respectivas famílias.

Ninguém estava contra as herdeiras, sabia-se que a “usurpação” já vinha do tempo da Casa Relvas, sendo apontado o genro do sr. Queatano, A. Pereira de Melo que era um grande orador e patrão da burguesia rural, que nessa altura uns por conveniência, outros por simpatia aconchegados ao Sr. Pereira de Melo, detinham o poder em todas as dimensões.

O que eles não sabiam é que a Casa Relvas já não tinha um terço de valor da herda que o senhor Queatano tinha recebido do pai e após a morte

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

deste ao fim de 10 anos a Firma Relvas estava extinta, no entanto o Sr. Pereira de Melo ficou sem o dinheiro e sem propriedades, mas ficou com “garganta” para se desenvencilhar e conseguir encontrar onde receber rendimento.

No entanto com a falta dos Baldios, o Povo tombou mas não caiu de repente, foi caindo aos poucos. O Sr. Vidinhas ajudou muito este drama após a herda, tranquilizou muito o Povo ao dizer que a posse estaria junto à propriedade, mas o desfruto seria sempre do Povo, e não foi só dizer, durante os 22 anos que explorou a meia herdade, nunca utilizou o Baldio para coisa alguma, fez pequenas obras, mas foi dentro do terreno de cultivo.

Na parte da escola durante o curto tempo da vigência da Dona Maria da Graça o Baldio era totalmente do Povo, por morte dela há novas partilhas mas o terreno que estava anexado ao Baldio volta novamente ao Sr. Cardigos. Embora não fosse bem a mesma coisa que no tempo da falecida esposa, mas tudo por ele correu bem. Era um pouquinho ambicioso, mas por aquilo que era dele, incapaz de cenas como as que já se passaram após a sua desistência. Sempre respeitou a escola, o poço, as estradas etc.

Na propriedade existia uma estrada, conhecida pela estrada de Portalegre, partia do Pisão passava ao lado do Monte da Velha pelo terreno de cultura

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

da herdade seguia até à escola com dois destinos cemitério ou Crucieira, Portalegre. No entanto entre o Sr. Cardigos e a família Joana Mota existia além do respeito muita simpatia. Até porque a Senhora Joana Mota, em 1942 teve um papel de relevo e de muita colaboração no processo judicial que veio a ser favorável à Maria Graça.

Por essa amizade, a estrada de Portalegre deixa de cortar a faixa de terreno que passava rente à escola, com dois destinos diferentes, Cemitério/ Crucieira e Outros, porque o Sr. Joaquim Mota permitiu que esse caminho se deslocasse para junto do seu terreno, mesmo sabendo que não tinha nada a ganhar com isso, pelo contrário, ficava pior do que estava, mas não teve coragem de dizer que não.

Seguiu-se novo proprietário, o Sr. Chamiço (Monte da Pedra) que ao tomar conta do terreno pensou e fez um comado para vacas. Num tempo em que nestes locais, quem tinha algum poder, fazia praticamente o que queria. Este espaço para o gado era praticamente encostado às casas. Houve revolta popular, a GNR esteve para defender o Sr. Chamiço, o que acirrou ainda mais os ânimos. O bom censo prevaleceu e houve finalmente concordância em não levar por diante esta aberrante ideia. Depois deste incidente as relações do Povo com o Sr. Chamiço nunca mais foram boas.

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

Dentro de pouco tempo vendeu a herdade a dois irmãos Padres, que estiveram bem, sempre respeitarem o povo, legalizarem os acessos a dois prédios feitos no tempo do Baldio e o restante terreno ficou para os herdeiros, mas o que ficou, ficou livre.

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

As surpresas do Baldio e Outras

Em princípios do ano de 1965, desloca-se ao Pisão, para falar comigo, um Senhor chamado José Alves Pereira, Major da G.N.R.. A razão desta visita era conseguir reaver uma dívida que o Sr.Vidinhas mantinha já havia algum tempo. Ao ter conhecimento da existência de uma hipoteca de bens do Sr. Vidinhas e que este já nada possuía, desejou rever detalhes do processo hipotecário. Após examinar a lista de bens no terreno foi confirmar nos respectivos processos. Não tardou a encontrar irregularidades suficientes para puder reaver a sua dívida. Pediu-me para lhe acompanhar o assunto, passado algum tempo os bens estavam prontos a serem vendidos. O comprador foi o Sr. Cardigos seu cunhado do proprietário Vidinhas, que tinha vontade em comprar e interesse para reaver os bens da herança de família. A Dona Ester esteve presente nas escrituras. Nas despedidas, o Sr. Major diz-me: "Para não me descuidar do assunto porque o Baldio do Monte da Velha era uma caixinha de segredos, o que é hoje pode já não ser amanhã. Na verdade surpresas já havia, vejamos alguns casos.

Courela da Igreja da Senhora dos Mártires cuja data de origem se desconhece e que foi vários anos explorada. Em 1850 foi integrada na Casa Relvas. A transição foi desconhecida e pouco clara. Os marcos que referenciavam essa Courela, só em 1920 e por ordem do Sr. Queatano,

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

através de pessoas da sua confiança, foram enterrados. Esta Courela, estava situada onde actualmente existe o terreno “dos Meiras”.

Ângulo de terreno que estava indigitado em 1930 para assegurar a anexação do povo do Pisão ao Monte da Velha, terreno camarário, sabe-se que em 1939 ainda era do Poder Local, em 1942 ficou-se a saber que já estava igualmente integrado na herança da Casa Relvas.

Também os Baldios que ficavam junto à Aldeia do Monte da Velha, em 1942 foi conhecido que tinham sido igualmente integrados na Casa Relvas.

Os tempos mudam, mas ao povo fica a ideia que tudo está na mesma, o que acontecia há mais de 70 anos, no tempo da ditadura, com a opressão dos mais fracos, com um Povo mantido na ignorância, vai-se repetindo, agora em tempos de democracia e liberdade. No final do dia acontece o mesmo, só que de uma forma mais disfarçada. O “senhor” e dono de propriedades, vai fazendo como melhor entende e consegue através de “aliciamentos” aos diferentes poderes, para tudo ir conseguindo, vejamos estes casos.

Havia uma estrada que encurtava a distância do Monte da Velha para o Pisão, especialmente usada pelos peões, desapareceu. Quem lá quiser passar tem que dar outras voltas.

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

O poço do Monte da Velha, que falo mais adiante, com acessos, há mais de 200 anos, que permitiam que o povo se abastecesse, assunto que a memória se perde e assunto indiscutível, ninguém ousava questionar, e ai desse que o discutisse, arriscava, como se dizia na época “a chegar à água antes do caldeiro”. A estrada já foi lavrada, ao poço já lhe tiraram a bomba, para garantir a plena desativação.

A Escola em 1942 servia aulas a cerca de 40 alunos, manteve-se em atividade até 1983, data em que os alunos já não eram suficientes que justificasse o seu funcionamento. O edifício embora propriedade da Camara está completamente desprezado. Tinha uma rede de estradas públicas com passagem junto da escola. Hoje não tem acessos, todos esses caminhos desapareceram. Eu diria que a situação é até caricata, ou seja, admitindo que alguém encontrava neste prédio da época do Estava Novo, algum interesse, se pretendesse comprar e a Camara vendesse, não ia ter acessos. A escola tornou-se numa ilha, não tem serventia. Eu diria ilha da vergonha das Autoridades que permitiram que tal acontecesse.

Depois também graça a ignorância quando se quer ajeitar a história a algum interesse. Diz-se que a Escola foi construída pelo Sr. Queatano, para que a sua filha Maria da Graça aqui lecionasse, e que teria mesmo oferecido o terreno à Camara. Nada disto corresponde à verdade, o que se passou foi

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

bem diferente. A Escola é um edifício público que começou de azar e que na época fora também mal interpretado. O edifício teve desde início alguma oposição, foi embargada pelo Sr. Queatano porque a pedra para a obra era tirada da sua propriedade e ele não concordou. Teve que ser aberta nova pedreira no Baldio e foi daí que saiu toda a pedra.

Esta obra foi mandada construir pelo autarca Boto Aleixo pessoa não virado para o Estado Novo. Ao contrário das notícias ouvidas cá por fora, o Sr. Queatano nunca teve preferência pela obra, nem tão pouco deu o terreno para a construção. O Presidente não aceitava e o Sr. Queatano era contra tudo que valorizasse a Aldeia, para lhe não encurtar a herdade. Quanto ao terreno a Autarquia tinha terra para muito mais, não precisava que alguém a cedesse.

Quanto ao arranjar lugar para a filha, também não colhe, uma vez que nessa altura já não existia entre eles qualquer ligação. Tudo acabou quando começou a andar nas bocas do povo que a D. Maria da Graça não era filha dele mas sim do tal Professor.

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

O poço do Monte da Velha

O poço tem sido desde que há memória de utilização pública, destinado ao abastecimento da Aldeia. Tinha um acesso livre com largura suficiente para qualquer viatura, fosse tracção animal ou motora. Tudo isto é bem conhecido da Dona Ester, atual proprietária e segunda esposa do Sr. Cardigos.

Quando as terras de cultura foram entregues à Casa Relvas, já este poço lá existia mas nada tinha a ver com a Casa Relvas. A Casa Relvas explorou as terras da herdade, excepto os Baldios, durante 92 anos e nunca houve qualquer problema com o uso comunitário do poço. São 207 anos, cerca de 50 legislaturas camarárias, nunca este problema existiu.

A Dona Ester explora as terras agrícolas herdadas do seu marido, que se pode dizer que resultam de uma continuação da Casa Relvas. O Sr. Cardigos viveu décadas casado com a Dona Ester e durante todo este tempo, o Povo sempre teve pleno direito no uso destas águas. E o andar dos tempos não pode dar mais direitos que os adquiridos com a primitiva herança.

Recentemente, ocorreram alguns episódios, que levaram à desativação do poço, foi retirada a bomba manual de extração da água, cortaram os acessos. O assunto ainda não foi esclarecido pelas Autoridades Locais, os

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

Serviços da Camara Municipal, que me parece não tem estado bem no tratamento do caso. Vamos aguardando!!!

Tudo começou porque um popular residente, como era seu hábito, em determinadas alturas do ano, ia abastecer-se de água, levando a respectiva viatura. A Dona Ester manda chamar a GNR para colocar dois cadeados nas porteiças e daí começa a dança ora vai ora não vai, até ter que deixar de ir definitivamente. Ironias do destino, este popular é descendente da família "Joana Mota", que em 1942 facilitou a vida do Sr. Cardigos, marido da D. Ester, ao permitir deslocar, para junto da sua propriedade um caminho, conhecido por "estrada de Portalegre" que à época atravessava a propriedade do Sr. Cardigos em terras de cultivo.

Se o que está a ser feito é de direito, ao fim do uso centenário de forma comunitária, e se nesta altura lho estão a tirar, os povos do Pisão e do Monte da Velha, entendo eu, merecem que isso lhes seja explicado. Que ninguém tenha dúvidas sobre o uso comunitário e livre por parte das populações deste espaço. Fala-se que pode ter sido desde de 1808, não existe quem a possa comprovar, mas se recuarmos cerca de 80 anos, consegue-se, se necessário, obter muitos testemunhos vivos, como nessa data já fazia parte da utilização normal dos Povos, tanto o poço como a respetiva estrada de acesso com dimensões para os carros de tração animal se puderem chegar. Junto tinha um ribeiro, que no local tinha boa

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

corrente, que era o principal lavadouro público das pessoas do Monte da Velha

Ainda a respeito deste assunto, o direito ao uso de um património que sempre foi público, presenciei uma cena em que na compra a herdade dos Murtais (Crato), nela existia como propriedade da Confraria (Senhor dos Aflitos) uma exploração de águas com uma existência cerca de 400 anos. O novo proprietário, reclama para ele a dita exploração. A Confraria remete o assunto para a Junta de Freguesia (Fortios), que tem a seguinte posição: a exploração só deixa de ser da Confraria quando o Senhor proprietário apresentar uma justificação credível que aquele património lhe pertence.

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

Final

Já sou uma pessoa de idade, vivo há 85 anos e sempre fui muito interessado em conhecer os factos que foram construindo a história destas duas pequenas Aldeias. Muitos foram vividos por mim, e outros que pessoas mais velhas me foram contando ao longo do tempo. É um saber de boca a boca, mas acredito que o essencial corresponde ao que verdadeiramente se passou. Não podia, por isso, de deixar se alinhar alguns desses factos e dá-los a conhecer a quem por tal se interesse.

Foi também outra a motivação que me fez escrever tem a ver com algum desconforto que sinto ao ver espaços que durante dezenas e centenas de anos foram de utilização pública, serem subtraídos sem que, quem de direito, venha explicar.

Por tudo o que aqui escrevi, creio sinceramente que esta forma sub-reptícia de tratar estes assuntos, deixa muita gente desconfiada e pouco satisfeita com aqueles que devem defender os interesses do povo, dos mais fracos e mais desprotegidos.

Mas se o que está a ser feito é de direito, então que haja a hombridade de dar uma explicação, para desmentir aqueles que dizem que os políticos só estão preocupados com as populações, quando querem o seu voto.

Setembro 2016

Page 30

Apontamentos sobre alguns assuntos que me interessam

João Narciso Farinha

Há quem diga que o Povo, nos meios rurais tem falta de cultura, por vezes desajustada dos tempos em que se vive. Mas são gentes ordeiras e pacíficas e só se agitam quando se sentem traídos. Em muitos casos a falta de cultura não é do povo traído, mas de quem cheio de cultura o trai.

João Narciso Farinha

Setembro de 2016